

7-2013

## Carta 15: Luanda

José da Rocha Ferreira

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

da Rocha Ferreira, J. (2013). Carta 15: Luanda. *Missão Espiritana*, 23-24 (23-24). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol23/iss23/23>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

já tinha demais; água, sim, podes beber e matar a sede. Depois ainda tentou ver o carro abrindo a porta e eu só lhe disse: o carro não e saia daí. Bebeu a água e foi-se embora. Se algum momento na minha vida foi duro e cruel foi este. Mas, Casimiro, é nestes momentos que a gente apalpa a mão de Deus. Deus permite isto para eu expiar as minhas faltas, ou melhor, os meus pecados. Eu não mereço de Deus tanta generosidade e tanta clemência. Ele lá sabe como diz o povo. Nunca pensei nesta luta, mas pensei que Ele havia de a ganhar porque Ele é que é o Chefe, o Comandante e nós uns miseráveis “soldados” que ao primeiro tiro arrancam a grande velocidade... Tinha muito mais a contar. Tenho folhas e folhas do diário, que ainda tive força para escrever que me fazem meditar... Enfim o nosso começo da Quaresma foi assim. As Cinzas foram feitas no Domingo seguinte, mas como diz Joel, não rasgueis as vossas vestes, rasgai os vossos corações...

Peço a todos vós que não nos esqueçais nas orações da Comunidade. Mais do que nunca nós sentimos essa grande força da oração. Agradeço toda a vossa solidariedade para conosco. Vamos continuar. O amanhã só Deus o sabe. Lembrai este pobre povo que sofre por causa da cobardia dos homens. Os escândalos que se vivem nesta terra não deixarão de ser punidos por Deus. É demais. O Povo não merece isto.

Grande amigo como dizia tinha muito que contar. Mas como sempre digo, tudo isto é mais para viver, do que para contar. A nossa Quaresma de 90 vai ser diferente... Vai ser de purificação... tenho fé que o sangue de tantas vítimas inocentes está a fazer a massa dos alicerces da PAZ que todos dizem procurar, mas com as armas...

Renovando os meus cumprimentos para ti e para toda a Comunidade abraça-te fraternalmente o sempre amigo,

Todos unidos em Jesus e Maria

P. Arnaldo da Rocha Ferreira

## CARTA 15: LUANDA LUANDA, 12 DE MARÇO DE 1990

Em Luanda tivemos conhecimento dos acontecimentos de Kalandula, (Duque de Bragança) só passados uns dias. Correram os boatos mais alarmantes, mesmo da morte dos missionários. Felizmente, o senhor Bispo manteve tanto a comunidade espirítana de Luanda como a das Dominicanas do Rosário sempre a par do que se ia passando, à medida que ia tendo informações fidedignas.

As informações que eu dou recebi-as de terceiros, mas procurei confirmá-las. Mesmo o Senhor Bispo já veio a Luanda, mas seguiu para o Huambo sem eu ter podido falar com ele. Por isso não entro em pormenores, pois podem não ser exactos e não interessam muito.

O ataque a Kalandula parece que foi no dia 26 de Fevereiro e seguintes. Como a

grande ponte que atravessa o Lucala, já perto de Kalandula, foi cortada, as notícias demoraram seu tempo a chegar a Malanje, pois parece que só havia passagem de canoa junto de Cacuso. Entretanto correram os boatos mais disparatados.

A vila foi saqueada, houve pouca resistência e também, por isso, poucas mortes. A Missão foi visitada, mas os missionários respeitados, bem como os bens e edifícios da Missão. O P. Arnaldo escreveu ao Senhor Bispo relatando os acontecimentos, mas essa carta não me chegou às mãos, embora tenha sido policopiada, digo, fotocopiada.

O senhor Bispo, logo que teve conhecimento do caso, dirigiu-se para lá, mas não conseguiu ir muito longe, creio que por falta de segurança. Aliás não poderia passar a ponte.

Entretanto os missionários informaram o senhor Bispo do que se passava, dizendo estarem todos bem. Mas durante três dias viveram na incerteza do que poderia acontecer.

Finalmente o senhor Bispo, acompanhado das Irmãs, meteu-se a caminho, de carro até à ponte e depois atravessou o rio a vau, num lugar onde o rio não era tão fundo, mas em todo o caso com água até ao peito. Eram esperados do outro lado pelos missionários. Foram até à Missão e regressaram da mesma forma. Os missionários continuam no seu posto, embora isolados, pelo menos enquanto a ponte não for reparada.

P. José da Rocha Ferreira, em Luanda

*(notícia enviada pelo P. José Rocha, de Luanda, através do P. Telmo, para a Procuradoria de Lisboa)*

## CARTA 16: KALANDULA MISSÃO DE KALANDULA, 19 DE MARÇO DE 1990

Caríssimo amigo Sr. P. Quirino

Os meus sinceros e respeitosos cumprimentos, extensivos ao P. Henrique e P. João, bem como a outros meus conhecidos.

Apenas duas palavras para lhe comunicar que pela terceira vez fomos visitados pelos outros... A guerra começou no dia 26 de Fevereiro, por volta das 5,45 minutos e só terminou no dia 1 de Março, quinta-feira. Segundo dizem, já há muito tempo que andavam a dizer que viriam arrasar Kalandula. De facto se não arrasaram foi porque não quiseram. Quatro dias de fogo, de dia e de noite, é muito duro. Não sei como conseguimos aguentar esta “música” toda. É certo que eles se dirigiram à Vila, mas colocaram um controle a 500 mts da Missão. Gastaram material à grande e ninguém sabe como o transportaram. Na Vila saquearam as casas todas. Destruíram o comissariado, queimaram o Registo Civil, o Partido, 3 casas comerciais, a central elétrica (os transformadores que estavam na Vila), um motor de luz de 150 Kva, praticamente novo, os correios